

**POSSE NO CMRJ EM 1997 DO SAUDOSO GEN EX
JONAS DE MORAES CORREIA NETO NA CADEIRA 34
QUE TEM POR PATRONO SEU PAI, O SAUDOSO
GENERAL PROFESSOR JONAS DE MORAIS CORREIA
FILHO**



Gen Ex Jonas de Moraes Correia Neto

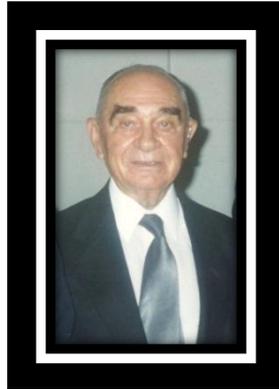


Gen Jonas de Moraes Correia Filho

LIVRO DIGITAL

Capa por Camila Renê sob a orientação do autor, contendo ao fundo as cores do Exército Brasileiro e nas margens a cor azul turquesa, da Arma de Engenharia, que o autor integra desde 1953 na AMAN.

**ORAÇÃO DE RECEPÇÃO NA ACADEMIA DE HISTÓRIA
MILITAR TERRESTRE DO BRASIL DO ACADÊMICO
GEN. EX. JONAS DE MORAIS CORRÊIA NETO NA
CADEIRA N° 34 PELO CEL. NILTON FREIXINHO**



Cel. Nilton Freixinho

Nesta cerimônia, de alta relevância, é empossado, solenemente, na Academia de História Militar Terrestre do Brasil, ilustre e bem sucedido Chefe Militar do Exército Brasileiro; renomeado pesquisador e conferencista Emérico dos feitos bélicos de nossa Pátria, incansável pregador da mística da nobre profissão das armas; escritor torrencial de largos recursos estilísticos; e extremado cultor do idioma pátrio general de Exército JONAS DE MORAIS CORREIA NETO.

O Colégio Acadêmico, a partir deste momento, fica enriquecido pela inclusão, em seus quadros, de personalidade que se destaca, de maneira sobranceira, pelos títulos conquistados em passado recente, e pela incessante altamente expressiva, participação. no presente, em atividades intelectuais no cenário cultural da Nação Brasileira, cuja atuação extrapola o âmbito militar interno para projetar-se além das fronteiras do País.

Destarte, a nossa Instituição de História Militar passa a contar com a colaboração, de alto nível, de novo Acadêmico cuja potencialidade, intelectual e cultural o credencia a ampliar e consolidar seu almejado papel de mensageira dos valores espirituais, morais e culturais das Instituições Militares, junto às novas gerações de brasileiros que se direcionam para a carreira das armas.

É fácil demonstrar e comparar a afirmação feita, O difícil é circunscrevê-lo aos limites de tempo destinado a esta saudação, em face da amplitude das características que estruturam a personalidade marcante e atuante de JONAS DE MORAIS CORREIA NETO.

Nascido em fins da década de 20, do novecentos, época em que se inicia largo período de profundas transformações políticas, econômicas e sociais do Brasil, a vida de JONAS CORREIA NETO insere-se ao meio militar, sem interrupção, por cerca de 60 anos. Dos bancos escolares do Colégio Militar do Rio de Janeiro, Comandante Aluno, ao pináculo da carreira das armas, no serviço ativo, como General - de Exército, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, o maior alto organismo da estrutura governamental do Estado Nação Brasileira, assim assessor direto do Presidente da República no planejamento administrativo e estratégico de preparo e emprego, em conjunto, das Forças Armadas, administração dos presidentes José Sarney e Fernando Collor de Melo, integrando o "Alto Comando das Forças Armadas" e exercendo a

Presidência do Conselho de Chefes do Estado-Maior (Exército Marinha - Aeronáutica) portanto já no quadro do Estado Democrático de Direito, sob a égide da Constituição promulgada em 1988. Para os jovens que ora iniciam a nobre profissão das armas, vale assinalar e registrar que três são as características da brilhante carreira militar de JONAS CORREIA NETO.

E ponte entre a última geração de oficiais formados pela tradicional Escola Militar de Realengo e as Novas Gerações egressas da Academia Militar das Agulhas Negras. Isso por que, tendo iniciado o curso de formação no Realengo, em 1942, concluiu em Resende, na AMAN, em 1945, quando é declarado Aspirante a oficial, da Arma de Artilharia. Por isso, fez juz e foi distinguido com o diploma da criação da Academia Militar das Agulhas Negras.

Após 33 anos de exercício de funções, do posto de Tenente ao posto de Coronel - na tropa, nos estados-maiores e comandos - ascende ao GENERALATO em 1979, onde permanece no serviço ativo por cerca de 12 anos, sendo transferido para reserva em 1991, no último posto da carreira, General - de Exército, por imposição legal. no momento em que, por sua experiência no trato de questões militares e político-institucionais, poderia continuar prestando relevantes serviços à República, no quadro de preparo e emprego estratégico das Forças Armadas. É compreensível o propósito da lei - renovação de quadros mas é lamentável que se prive a Instituição de Militar de alguém que ainda disponha de alta potencialidade para continuar a prestar serviço de natureza relevante, como estava em condições de fazê-lo o GENERAL JONAS.

A terceira característica da carreira militar, do Acadêmico JONAS DE MORAIS DE CORREIA NETO, reside na circunstância de estar ela vinculada, geograficamente e culturalmente, às terras gaúchas, onde serviu constantemente e por muitos anos, desde sua primeira classificação, como Aspirante a Oficial, em Regimento de Artilharia, na guarnição de Bagé. Apenas para ilustrar, fazendo referência ao posto de General.

Nos seus 12 anos generalato, a par das funções de Subchefe do EMPA (Brasília): de Secretário Geral de Ministério do Exército (Brasília); de Comandante Militar do Sudoeste (São Paulo): integrando o Alto Comando do Exército; e de Chefe do Estado - Maior das Forças Armadas na condição de Ministro de Estado (Brasília), teve o GENERAL JONAS, a oportunidade de servir por duas vezes no Rio Grande do Sul: Comandante da Artilharia Divisionária da 3ª Divisão de Exército - a "Divisão Encouraçada" - Cruz Alta; Comandante da 6ª Divisão de Exército. - a "Divisão Voluntários da Pátria"- Porto Alegre.

É lícito afirmar que o largo período em que serviu em quarnição do Exército, sediadas no Rio Grande do Sul, tenha despertado, em JONAS CORREIA NETO, a curiosidade e o gosto pelos estudos da História Militar dos tempos heróicos da formação da nacionalidade brasileira, e, também o seu interesse em pesquisar e propagar a mística da profissão das armas - tudo isso, certamente, por influência do cenário gaúcho onde se travaram as lutas bélicas pela posse do Brasil meridional, face aos países platinos, herdeiros da colonização hispânica, gerando profundo sentimento nacionalista, alimentador da identidade nacional brasileira.

Esta é a segunda faceta da personalidade do novo acadêmico que merece ser abordada na presente saudação, e que responde pela continuidade da atuação do GENERAL JONAS, após ter deixado o serviço ativo da Exército, em 1991.

É assombrosa, este é o termo que traduz com maior realismo a torrente produção intelectual de JONAS CORRÉIA NETO, através de artigos, estudos, conferências, monografias, breves ensaios críticas, sob a mais variada temática, porém esmertamente vinculada a esfera da carreira que, com ardor e verdadeira paixão, abraçou e percorreu, desde Comandante Aluno do Colégio Militar, ao posto de General - de Exército, na atividade. Uma produção que não sofre solução de continuidade ao ser transferido para a reserva. Antes, pelo contrário, ganha crescente intensidade até os dias de hoje, com claros sinais de que prosseguirá enquanto Deus viver por bem preservar vida tão útil ao destino da Nação Brasileira.

O prestígio, por não dizer, a justa fama que conquistou, nos cinquenta nos que vem firmando, sem cessar, sua condição de escritor historiador-conferencista sobre assuntos ligados á profissão das armas, à história da constituição da nacionalidade em seus marcantes episódios bélicos e, também, surpreendentemente, visando a educação integral dos jovens - explica por que Jonas de Moraes Corrêia Neto. vem sendo requisitado pela "mídia" por institutos de Geografia e História; por associações de classe; por estabelecimentos de ensino, da área militar e no setor civil, para prestar sua colaboração destinada a festejar o exaltar efemérides cívicas de alta relevância no calendário da História Militar e da História Geral do Brasil.

Tudo isso, somado e combinado, explica sua eleição para institutos ligados à preservação da memória regional e nacional e de nação amiga: Institutos de História e Geografia de vários Estados da Federação; Instituto Sanmartiniano do Brasil; culminando com sua eleição. como sócio, do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (sócio titular), e do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (sócio benemérito), que presidiu de 1991 a 1994, realizando uma administração renovadora e vitalizadora que se fazia necessária.

No exterior, e sócio da Academia Portuguesa de História; da Academia Nacional De La (Argentina): do IHG; do Uruguai e, da Real Academia De La História (Espanha).

O que mais intriga ao pesquisador da obra histórico literária do Acadêmico general enquanto no serviço ativo do Exército, como conseguiu ele empreender tão avultada produção e. concomitantemente. desempenhar. com destorada efiência. testemunha em numerosas referências elogiosas, as absorventes funções de militar, arregimentado, de oficial de Estado-Maior; de comandante de corpo de tropa e de Diretor de Instituto de Ensino e de Chefe de elevados organismos das Instituições Militares e de Comandante de grandes unidades Operacionais e Territoriais.

Não seria um despropósito atribuir essa irresistível vocação para o domínio intelectual e das letras, uma decorrência de herança paterna. Seu pai, JONAS CORRÉIA, também militar predominantemente ligado ao Magistério - Colégio Militar do Rio de Janeiro - abalizado catedrático de Literatura, constantemente empenhado em atividades intelectuais, publicando, ao longo dos anos valiosas obras que bem indicam seu pendor para o mundo do pensamento e suas preocupações em desvendar as raízes de identidade nacional - brasileira, culminando com a elaboração e publicação, em 1972, da obra de Símbolos Nacionais da Independência.

Assim, seu filho Jonas Corrêia Neto, hoje aqui recepcionando, tem também, sua alma de soldado casada, de modo indisolúvel, ao espírito de pedagogo, pois toda sua obra, no fundo e a rigor, reveste-se de aspecto

educacional, por exaltar a nacionalidade brasileira, em propósito de preservar os valores espirituais, morais e cívicos da nação.

Sob esse aspecto é oportuno fazer referência e destacar, de modo todo especial, duas de suas produções.

A primeira, intitulada "Carta a um Recruta", dirigida a seu filho mais velho, quando, em 1967, foi incorporada ao Exército Brasileiro, como conscrito, na qual situa, para seu filho, as características da instituição que passará a prestar serviços

A segunda, intitulada "Carta a um Aluno do Colégio Militar", em que orienta seu filho mais moço, ao matricular-se naquele estabelecimento de ensino.

Pela atualidade dos conceitos expedidos nas duas mencionadas cartas, cópias do texto das mesmas são anexadas à presente saudação, com o propósito de ser encaminhadas ao Corpo de Cadetes da AMAN, como fonte de inspiração da formação do cidadão-soldado.

Ademais, a saudação ao General Jonas provocou profunda investigação sobre a fecunda e ampla produção intelectual do novo acadêmico, chegando-se à indeclinável conclusão de que sua publicação, no formato de coletânea de artigos, sob os auspícios e o patrocínio da Academia de História Militar Terrestre, teria de constituir valioso subsídio para a formação militar das novas gerações de oficiais que venham a escolher a carreira das armas, como destino de sua vida. Fica registrada, aqui, a sugestão!

Ilustre General Jonas

A saudação que acaba de ser feita não teve, necessariamente, o propósito de exaltar a personalidade do novo acadêmico, pois isso é perfeitamente dispensável em face do conceito que desfruta entre os pares de sua geração.

Teve ela, isto sim, o objetivo de apontar um exemplo de paradigma a ser não propriamente imitado, mas para servir de inspiração à conduta das novas gerações de oficiais que venham a vincular-se à nobilitante carreira das armas.

Felicidades, General Jonas, aqui neste cenáculo que o acolhe de braços abertos.

DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL DO ACADÊMICO GEN. EX. JONAS DE MORAIS CORRÊIA NETO NA CADEIRA N° 34 CMRJ nov de 1997

É galardão desvanecedor, sem dúvida excessivo para meus apoucados méritos - apesar de antigo, assíduo e entusiasmado cultor de História - haverdes me concedido o título de sócio da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

Recebo-o contente, ufano, pela importância que tem e porque, digo-o sem vaidade, porém como reconhecimento, porque passo a ficar lado a lado de tão preclaros pares, a quem estou apresentando uma efusiva saudação de chegada.

Resuma, nesta solene sessão cultural militar, uma particularidade que suponho inédita nas práticas sodalícias, tal é que venho ocupar uma Cadeira cujo Patrono é meu pai! Aos 95 anos e alquebrado, ele é bem uma história viva do seu tempo - um tempo de agitações constantes e transformações demasiado rápidas - e do seu meio, nisso se entrecruzando os ambientes

militar e cultural, nos quais ele predominantemente e elevadamente atuou, nos últimos três quartos de século.

Outra característica, que aponto com particular prazer, é que nos encontramos em auditório do Colégio Militar do Rio de Janeiro - o meu Colégio. Aqui sinto-me em casa!

Neste grande Colégio, meu pai foi aluno (1916-19) e professor (1932-56). Com ele, menino pequeno, de vez em quando eu vinha passear por estas "alamedas históricas de palmeiras heráldicas", assistir, deslumbrado, a formaturas e solenidades, e também montar a cavalo, um exercício de que ainda me valho diariamente. Mais adiante, realizei o sonho de ser aluno do Colégio Militar, vencendo em puxado Concurso de Admissão.

Não me canso de dizer: o que devo a este Colégio, pelo que aprendi, de saber e de proceder, nos meus cinco anos de curso secundário (1938-42), lancei-o em conta-corrente sentimental, que jamais será encerrada.

Mais tarde fui instrutor (comandante da Bateria de Artilharia, 1952 e 53) e fui orgulhoso pai e avô de alunos, os quais, como meu pai e eu, tios e primos, hoje integrados a "clã" dos ex-alunos.

Pois vede que beleza: é aqui que a Academia de História Militar Terrestre do Brasil está me recebendo, como seu novo sócio. Ouvistes as palavras magnânimas do meu ilustre confrade (multiconfrade...) Coronel Nilton Freixinho. Ele sim, senhor de muita erudição e autor de duas alentadas obras: "O Poder Permanente da História" e "Instituições em Crise" (ambos editados pela Bibliex, em 1994 e 1997).

Sob pena de ofendê-lo, não posso bancar o falso modesto e acusá-lo de torcer a verdade...no entanto vos digo que, se ele foi exato sobre marcos curriculares, embora pródigo na seleção feita, onde exagerou mesmo foi nas conclusões a meu respeito, que teve a delicadeza de vos expor, achando-se talvez respaldado por um vago intuito de justificar minha escolha. Agradeço-lhe cordialmente!

Constato que minha vocação militar, aparecida lá por não sei quando, só se consolidou quando minha existência foi "amarrada" ao Colégio Militar. Dai para a frente, foi só ir deslizando a vocação, numa atividade estudantil e logo profissional, que ultrapassaria o Jubileu de Ouro. Em meu ex-libris, do fim dos anos 50, procurei retratar essa caminhada. (folha anexa).

Durante todo esse tempo, tão longo, tão ligeiro, só fiz ser soldado; em ações e pensamento. Além do trabalho castrense, em que me comprazia, aproveitava as horas livres, não para tirar cursos civis, que nada tinham a ver com minha profissão, mas para me deleitar com a leitura de assuntos históricos, especialmente de História Militar. E a história nossa, até porque, é correto dizer-se que a História Militar de uma não é a própria história do povo dessa nação.

Em suma, cedo me enamorei da História Militar e dela iz, e continuo fazendo.

Se meditarmos nisto, notaremos que a História Militar tem nítida evidência na história da vida dos seres humanos, e das sociedades constituídas por eles, e das evulizações por eles montadas, num processo multimilenar extraordinário. Notaremos um dos meus maiores apazimentos.

História da humanidade com frequência destaca, como mais agudo fator de mudanças, o componente histórico militar, que às vezes enche o quadro, isto é, confirmando o que asseveramos acima: a História do mundo é, principalmente, a sua História Militar!

A existência dos seres humanos (dos homens, no linguajar clássico, hoje contestado...). desde os mais remotos tempos conhecidos ou imaginados com razoável aproximação. tem sido uma estafante sucessão de lutas, das mais simples às mais completas.

No princípio no corpo-a-corpo com a natureza e com os animais selvagens, no afã de sobreviver, embora sem compreender o que isso era. Depois, também em disputa feroz, homens contra homens, não só para não sucumbir como para obter algumas vantagens, ao garantir os meios de subsistência e manter áreas cativas (os "territórios").

Para tal esforço, ao homem primitivo não bastavam seus músculos. E, naturalmente, apareceram as armas! Elas aumentavam a força física, supriam a agilidade, superavam as distâncias, asseguravam certa superioridade; e até, quem sabe, naqueles tempos boncos, davam uma sensação de poder, ancestral rudimentar do que chamamos força moral.

A propósito, possuo um livro, que ganhei aos quinze anos e li sofregante "A História da Raça Humana através da biografia"; por Henry Thomas, ed. Bras., 1938. Na parte I, "A Infância da Raça Humana", lê-se esta descrição, que julgo fundamental:

Foram necessários 40 milhões de anos para que o macaco se transformasse no homem-macaco. Mais 300 mil anos levou ele para aprender a andar de cabeça erguida e para matar sua presa com instrumentos de pedra. 50 mil anos mais tarde, descobriu por acaso o cobre, ficando assim habilitado a produzir armas mortíferas mais eficientes. 2 mil anos depois disso, descobriu o ferro e seus métodos de matar ficaram ainda mais engenhosos. 5 mil anos depois da descoberta do ferro, o homem inventou a dinamite e, muitos séculos mais tarde, construiu o primeiro submarino e o primeiro aeroplano. (sic! Era o tempo de auto-giro...). sua arte e matar outras criaturas tornou-se então quase perfeita.

A invenção das primeiras ferramentas rudimentares permitiu que nossos antepassados fizessem duas coisas melhor do que até então haviam feito "proteger-se e matar os outros.

Outra arte que os nossos ancestrais aprenderam a cultivar muito cedo, em sua carreira humana, foi a da guerra. Para garantir sua própria existência.

O fato é que, nos nossos dias, o binômio Homens - Armas ainda é elemento principal de poderio bélico, máxime quando tem o suporte Moral indispensável.

A História Militar abrange uma quantidade de enfoques, conforme se queira encará-la. Ela se mostra em cada um deles e é, em síntese, a globalidade deles, que se completam e se explicam. Numa rápida visada, à guisa do exemplo e como aproximação, ocorre-nos que a História Militar pode ser visualizada como:

- a história das instituições e das forças militares
- em diversas regiões
- em diferentes épocas
- as histórias particulares dos exércitos, das marinhas e das forças aéreas; e, ligadas a elas, as histórias militares
 - terrestre (onde se situa nossa academia)
 - naval
 - aeronáutica e aeroespacial
- a história dos conflitos de toda ordem, dos quais os mais violentos são as guerras (com suas variadas nuances)

- a história da condução das guerras e das campanhas militares nelas desenvolvidas, para atingir objetivos estratégicos
- a história de batalhas cruciais, às vezes, cada vez mais, em mais de uma dimensão
- a história dos líderes que exerceram comandos, que tiveram papéis destacados nos eventos (biografias, autobiografias)
- a história dos armamentos, abrangendo todas as armas pelo homem criadas, das armas brancas aos canhões muito pesados
 - características
 - utilização
 - potencial
 - letalidade
- a história dos possantes engenhos de guerra, como os carros de combate (tanks), os submarinos, os porta-aviões, os caças e bombardeiros, os helicópteros armados
 - construção
 - evolução
 - tendências
- e também (porque não?) a história, cheia de ensinamentos, dos sucessos, das vitórias tipo "vitória de Pirro"...

A relação de tópicos pode ser extensa; não vou esta alongar, todavia acrescentarei mais três:

- a história de ações bélicas de pequeno vulto, mas de importantes consequências no contexto geral, transcorridas debaixo de fogo assustador, as quais são como índices bem específicos da eficiência no preparo para o combate e do valor dos homens e dos grupos engajados
- a história das organizações militares de toda natureza (Grandes Unidades e estabelecimentos e ensino, enfim, todos os componentes organizacionais) que, aparecendo e sendo extintos, durante e evoluindo, vão desempenhando os encargos mais significantes do segmento militar nacional (destacamos a Escola Militar/AMAN, os Colégios Militares, os C P O R, etc.)
- a história das pessoas, os militares que, durante a paz, labutam devotadamente, sem cessar, adestrando-se para o cumprimento da sua missão essencial, essa que somente eles podem cumprir, e que, na guerra, vão gostosamente cumpri-la. Podem ser distinguidos como bravos; podem ser guerreiros comuns, não raro, sem alardes, são heróis.

Uma nação que se preza precisa alçar seus heróis. Precisa exaltar suas glórias. Não deve se descuidar, pois é sabido que o amor à pátria transita faceiro pelo conhecimento da sua História e pela projeção dos seus próceres e dos seus feitos notáveis.

O Brasil, embora seja uma nação moça, pode se gabar de ter linda História Militar, bem como, dando-lhe vitalidade e sabor, figuras humanas de expressão épica.

Na História Militar Terrestre, a mais rica, devido à nossa evolução militar, identificam-se facilmente todas as relevâncias, que são muitíssimas.

Agora sim, possuímos uma organização estritamente direcionada para a História Militar Terrestre Brasileira. Devêmo-la ao espírito empreendedor do Cel. Claudio Moreira Bento, este historiador que é um bandeirante de nossa história militar.

Bandeirante porque procura e pesquisa, descobre, desbrava e revela, marca presença e, incansável nas andanças, vai plantando instituições, em

toda parte, as quais hão de sobreviver a todos nós, utilmente, crescendo, produzindo e reproduzindo, trabalhando servindo ao Brasil.

Esta Academia está entre elas; e nem por ser tão nova (menos de dois anos...) e menos produtiva. Havendo seu fundador limitado o universo principal de estudos. muito adequadamente, pretende ater-se à nossa História Militar Terrestre, ou seja: a história que trata preferencialmente das forças terrestres, organização e estruturação. pessoal, lideranças, meios de combate e de serviços, doutrinas e sua constante atualização, instrução e adestramento; e que se debruça sobre a finalidade maior, o emprego em ações de guerra, externa ou interna; onde atuou, que táticas e técnicas utilizou, como combateu, que novas experiências teve, quais os ensinamentos colhidos e como os aproveitou (se é que não os desprezou), que prognósticos são viáveis a partir desses modelos.

Importa reconhecer que, sobretudo desde o meado do fantástico século XX, não é nada simples fazer-se um corte transversal para isolar os componentes terrestres, nos estudos militares. O conceito de batalha terrestre, por exemplo, como fato singular, esta bastante difícil de se estabelecer, já que não há como desconsiderar o apoio aéreo (especialmente a FATOT) e, por vezes, o apoio de fogo naval, além da problemática do Apoio Logístico. Não é fácil mesmo.

Aliás em tempo de paz existem muitas atividades, estruturas, sistemáticas, normas, e também serviços, equipamentos, uniformes, material bélico, muita coisa, enfim, que é evidentemente comum as três Forças Singulares (três, no Brasil). Acontece que, em campanha, tem-se de buscar com insistência a integração das Armas; querendo-se, pode-se conseguir, num intercâmbio e numa coparticipação que a todos valoriza, pois é realmente imprescindível ao bom êxito das ações, seja no campo de Estratégia, seja no da Tática.

Nem se discute que isso tem de ocorrer sem que sejam descuradas as peculiaridades de cada Força, respeitando-se suas identidades, que é o que lhes assegura o moral e a eficácia, necessários ao esforço integrado.

O conhecimento da História Militar tem acentuado valor educativo. Ao se aperceber das circunstâncias históricas e geográficas, em que ela se insere, ou seja, da gama de variáveis conjunturais, mais ou menos influentes, vai-se chegar a um satisfatório entendimento:

- de todo os principais fatores condicionantes,
- das causas e conseqüências dos vários eventos,
- dos níveis dos acontecimentos e da sua sucessão,
- das participações pessoais e dos porquês das decisões, algumas de magna repercussão.

A intimidade com os acontecimentos e com a gente que os fez, ainda que por memória, há de influir beneficentemente no sentimento patriótico, como antes frisamos.

Ora, é através da leitura que se chega a esse efeito, que deveria constituir-se em um dos objetivos da educação dos jovens brasileiros. Como era, antigamente...Depois, e depressa, valores básicos foram desaparecendo, mudando; deformaram-se, esvaziaram-se, e atualmente é o que se vê por aí; o espírito nacional, o orgulho de ser brasileiro, andam mais do que esmaecidos.

Comecei a me interessar pela História Militar em nossa casa, um lar brasileiro, de família de militares. Eu garoto, um piázito curioso, meu pai me contava casos e citava vultos históricos, numa animação que me empolgava.

Era induzido a desejar saber mais, sobre o que ouvira; e ele me entregava livros ajustados ao meu nível, capazes de dar prazer, de gerar entusiasmo, de despertar interesse por saber mais. abrindo as trilhas para outras leituras, para renovados conhecimentos.

No Colégio Militar, tivemos eméritos professores, que a nossa geração recorda com respeito, carinho e gratidão. De História da Civilização e História do Brasil, não cabendo aqui nomeá-los todos, quero citar um: o professor civil, ex-aluno do CM, Dr. Miguel Daltro Santos, escritor, filólogo, poeta.

Lecionou minha turma no 5º ano, desvendou para nós muitas belezas da História Pátria e nos conduziu, assim meio nos pageando mas confiando em que iríamos corresponder, levando-nos a ler as obras de Capistrano de Abreu, de Varnhagen e outras desse quilate, ensinou-nos a aprender história corretamente e, portanto, a poder apreciá-la e a lhe atribuir a justa valia, que tem, como elemento básico da consciência cívica, da cidadania consciente. Em Daltro Santos, rendo emocionada homenagem aos mestres do Colégio Militar do meu tempo.

Agora falarei um pouco sobre meu patrono, meu querido Pai.

Não vos cansarei com leitura corrida do seu currículo, que é recheado de boniteza. (em anexo)

Ainda menino, por volta dos doze anos, veio de Parnaíba (PI) para estudar no Rio, sob a tutela do tio materno, então Ten. Cel. Floriano Ramos, futuro Gen Bda, a quem meu pai lembra com grande afeto. Pouco depois, ficou órfão de pai, o que lhe criou um sentimento de mágoa jamais cessado de todo.

Ingressando no Colégio Militar, em 1916, destacou-se bastante, oficial aluno, atuante na Sociedade Literária, que presidiu, e premiado, ao término do curso (1919), com a medalha-prêmio "Conde de Porto Alegre", em ouro. Como curiosidade, no 6º ano, o último, seria promovido no Batalhão Colegial, mas pediu e obteve continuar no posto de 2º tenente, para permanecer como Porta-Bandeira.

Passando direto a Escola Militar do Realengo (fev. 1920), lá escolheu fazer o Curso Especial de Engenharia, o que iria levá-lo a escrever a letra da Canção do Engenheiro, cuja música é de autoria de minha mãe, então sua noiva, professora de piano e poetisa.

Essa canção foi a mais cantada pelos cadetes da Arma, durante cerca de 40 anos, até ser imposta nova canção, em 1968 ou 69. (ver anexo). Poderiam conviver ambas!

Como aluno da Escola Militar (ainda não havia o título Cadete), teve incentivado seu interesse pela História, participou ativamente da comissão criada sob a coordenação do vibrante professor de História Militar, Cel. Pedro Cordolino de Azevedo, visando à ereção de um "Monumento aos heróis de Laguna e Dourados", hoje existente na Praia Vermelha.

Na revolução de 1922, estando entre os alunos rebelados, foi preso e posteriormente expulso da Escola e do Exército. Era duro golpe na sua vida de rapaz pobre, nas suas aspirações tão justamente fundadas.

São amargas suas recordações e ásperas suas opiniões sobre a revolta na Escola Militar. Comentava que, jovem estudante idealista, fora explorado por seus instrutores comprometidos (Juarez Távora e outros), que empurraram a um desastre inútil uma massa de mocidade militar, vítima de tendenciosa doutrinação e de cega solidariedade. Doia-lhe que o triste episódio tivesse ficado quase esquecido, posto na sombra pelas louvações aos "18 do Forte" e pela projeção pessoal de Eduardo Gomes, fazendo-se pouco caso do sacrifício

dos "cadetes". Por isso, não gostava de participar das comemorações, que alguns colegas insistiam em promover, a cada julho. Dizia-se enganado por mentiras e intrigas, e até desculpava a posição dos chamados "inconscientes" (os que se inocentaram e não foram desligados - na Eng. dos cinco do 3º ano, ficaram dois: Lima Figueiredo, seu amigo e compadre, e Amarílio Osório, e saíram com ele Arthur Levy e Jorge Tinoco).

Como civil, aos 20 anos, entrou no Banco do Brasil, por concurso, ascendeu rapidamente, em cargos e em conceito. Diplomou-se Contador, e Guarda Livros e, anos mais tarde, escreveu o livro "Contabilidade Bancária" (1ª ed. De 1929, 3ª ed. De 1934, essa e seguintes da Liv. Do Globo, de Porto Alegre). Livro que seria, por mais de 30 anos, recomendado como básico aos candidatos a carreiras bancárias, em particular, era sempre o mais indicado para o Banco do Brasil, onde meu pat fez excelente nome. tendo sido o idealizador e um dos fundadores da conhecida AABB (Associação Atlética Banco do Brasil). Enquanto isso, lecionava sem parar, em cursos especializados.

Após a vitória da revolução de 1930, optou por retornar ao Exército, como 1º Tenente e Engenharia ("picolé" era apelido dos ex-alunos anistiados). Ganharia menos da metade do seu salário no Banco...onde seus colegas nunca puderam entender as motivações profundas para a reintegração a farda. mas presentearam-lhe uma flamante espada, com expressiva gravação nos copos.

Em 1931, serviu no 4º Batalhão de Engenharia (hoje 4º BECMB) em Itajubá, MG.

Brincando nos pontões lançados sobre o rio Sapucaí, na área de instrução de quat parecia-me um rio de enorme largura, muitos anos depois, como Tenente Coronel, fiz nostálgica visita ao local, talvez não devesse, desfiz uma impressão boa e não pus nada em seu lugar. Lá, também passeava a cavalo com meu pai e até acompanhei-o numa marcha, seguida de acampamento. Por que conto isso? Porque esse período, dos meus 5 para 6 anos, foi o meu primeiro contato com a vida militar de guarnição.

Lá estávamos, muito satisfeitos, quando meu pai foi convidado para lecionar no Colégio Militar. Aceitou. Veio no início de 32 e pouco depois, promovido a Capitão, quis seguir com as forças que iam combater em paulistas revoltados. Chefiou o serviço de Engenharia de um dos setores e foi Prefeito Militar de Campinas. Terminada a revolução, estava de novo no CM, para ficar.

A verdade é que Deus definira sua carreira, professor. Mais do que isso, educador.

Em 1938, passou voluntariamente para o Magistério Militar, foi promovido a Major, na reserva, e logo a Tenente Coronel (1939). Permaneceu imutável seu encantamento pelas coisas militares, seu desmedido amor ao Exército. Certa vez, já oficial, perguntei-lhe como fora levado a deixar a ativa, sendo tão entusiasmado. Respondeu-me que, na tropa, havia se dado conta do descompasso prático de quase dez anos, entre ele e os tenentes recém saídos do Realengo, e, havendo a chance, preferira produzir muito, fazendo o que sabia fazer melhor, a se acomodar numa legião de desatualizados malvistas.

Entre 1933 e 1938, acumulou os deveres letivos do Colégio Militar com os da Escola de Intendência do Exército, e se diplomou em Direito. Em 1939, foi nomeado Catedrático da cadeira de Revisão de Português, na Escola Militar, era matéria nova e a ele coube implementá-la no curso, tendo por adjuntos Ayrton Lobo e Sérgio Marinho, professores de Direito.

Em setembro deste ano, a Escola Militar recebeu a visita da delegação da congênere argentina, o Colégio Militar de La Nacion, que trouxe, como presente, uma cópia do sabre de San Martin. Na solenidade de entrega dos espadins, meu pai proferiu o discurso oficial. Ele havia conseguido com Max Fleiuss, secretário perpétuo do Instituto Histórico, excepcionalmente, o empréstimo da espada do Duque de Caxias, ciosamente guardada pelo IHGB. Pois ali, no Campo de Marte da Escola Militar do Realengo, viam-se agora, em sugestiva aproximação, as duas armas emblemáticas. Eis o trecho final de sua oração:

Em presença um do outro, os aços, que são símbolos de duas nacionalidades, unem ainda mais, através dos corações de suas juventudes militares, as nossas duas Bandeiras, uma cheia de sol, e outra cheia de estrelas.

No começo de 1940, assumiu a direção do Departamento de Educação Primária da Prefeitura do Distrito Federal (Rio), ascendendo, em 1942, à Secretária-Geral de Educação e Cultura. Não cabe comentar a obra educacional que desenvolveu, à testa do ensino público do Rio. Limitou-se a referir, acerca da Reorganização do Ensino Primário, que promoveu (Dec. N° 7.718, de 5 fev 44), a opinião abalizada do mestre Lourenço Filho, que, em conferência para educadores cariocas (9 jul 44), considerou "a reforma Jonas Correia uma das mais adiantadas, real expressão de pedagogia moderna".

Caindo Getúlio Vargas, em outubro de 1945, meu pai foi convencido a se candidatar a cargo eletivo, pelo P S D. Foi o mais votado Deputado Federal, no Rio, em votos, só perdeu de Prestes, para Senador. Dizia-se que ele havia arrastado, no DF, a votação do Gen Dutra, o qual, entretanto, querendo agradar a todos os lados, acabou bombardeando interesses eleitorais daqueles que o haviam sustentado, desde cedo e a duras penas. Meu pai rompeu com a situação, mudou de partido e teve prejuízo político total, apesar de suas atitudes bem definidas, como a leitura, na histórica

sessão da Câmara (jan 48), do ato de cassação dos mandatos dos deputados do P C B.

Ele era 3° Secretário, mas os 1° e 2°, não querendo se arriscar a desgaste, deram pretextos e passaram adiante a responsabilidade, que meu pai desassombradamente assumiu, perante uma Casa repleta e ululante e com a opinião pública, não de todo convencida da justeza do ato.

Assim, não foi reeleito! Realmente, ele não fora um político, só estivera político...Apresentou-se no Colégio Militar, em 1951, assumindo a chefia do Departamento de Ensino de Português, mas sem deixar de dar aulas, tanto que foi eleito paraninfo do formandos de 1951, tal como já havia sido homenageado por várias turmas, em anos anteriores, e seria por outras, em anos vindouros.

Em 1955, o Cmt Cel Adalberto Pereira dos Santos convidou-o para ser Subdiretor do Ensino Geral, a mais elevada função de magistério, no Colégio. Exerceu-a com amor, até meado de 56, quando se reformou, sendo promovido na inatividade a Gen Bda (mais tarde, corrigido para Gen Div.)

Enquanto nas tarefas letivas, acenaram-lhe com a possibilidade de ser promovido a General e permanecer em serviço. Recusou! Um dia, conversando sobre isso, perguntei-lhe o motivo da recusa, pedindo-me reserva, para não parecer que estivesse criticando algum colega, disse-me mais ou menos o seguinte:

Eu não ia me sentir bem, dando aulas fardado de General. Além disso, é um posto que sempre respeitei e reconheço que não fui preparado para

alcançá-lo, e só o tenho como inativo, por causa das vantagens legais, que interessam também à minha família.

Entretanto, meu pai sente imenso orgulho da sua condição. Quando esteve baixado ao HCE, há pouco mais de dois anos, combalido, mas lúcido, enfermeiras e jovens médicos ensaiaram tratá-lo de "seu" Jonas. Pra que...No ato, ele corrigia, dizendo "sou Gen Div e tenho muita honra disto!"

Então o ex-aluno 510 cortou definitivamente a sua ligação com o Colégio Militar, há mais de 40 anos, a ligação de trabalho, nunca a de bem-querança, a de reconhecimento, a de afeto.

Desde então, tem-se dedicado inteiramente e com invejável disposição às lides culturais e aos estudos e promoções relacionados com a História, especialmente a História Militar.

E sempre vinculado ao ambiente militar, unido aos militares, atento ao seu querido Exército.

Fundador do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (em 1936), são remanescentes do grupo, apenas, Severino Sombra e Jonas. Presidiu-o com dinamismo e produtividade, por mais de 14 anos.

Participou da feitura da História do Exército Brasileiro, como membro das equipes que funcionaram na "revisão dos aspectos históricos das monografias básicas" (com Artur Cesar Ferreira Reis, Lavenére/Wanderley, Prado Maia, Salm de Miranda, Victorino Portella, Tácito Teófilo, Cláudio Moreira Bento...) e no "estudo de problemas de forma e comunicação da obra" (com Pedro Calmon, Josué Montello, Jacobina Lacombe, SAI D. Pedro Gastão de O e Bragança,...). Integrou o Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro. Fez parte do Conselho Editorial da Biblioteca do Exército, do qual é Benemérito.

Escreveu ensaios e artigos, pareceres e apresentações, fez palestras e conferências. foi presença constante em reuniões culturais, sempre solicitado e ouvido, pronto a colaborar, citado, consultado, aplaudido.

Frequentou assiduamente as instituições de que é membro. E ressaltou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual é sócio emérito, foi vice-presidente e orador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, das Academias Carioca de Letras e Brasileira de Filologia, e outras, falando só das localizadas nesta cidade, em que ele é Cidadão Carioca"

Tem inúmeros trabalhos publicados. De passagem, refiro estes:

Estudos de Português - Introdução ao Vocabulário de Gíria Militar - Linguajar e Anedotário Militar no Rio de Janeiro - Sentido Heroico da Poesia de Castro Alves - Santos Dumont na Literatura, na Poesia e na Música - O Espírito de Caxias - Floriano - A Glória de Rio Branco - Mallet na História - Tuiuti, perfil histórico de uma batalha - O Ensino Militar no Brasil (em São Paulo, representando o Exército, no cinquentenário da proclamação da República) e muitos, e muitos outros.

Em página de início dos anos 40, alcunhou o Gen Osório de "A Lança do Império" a expressão caiu no uso popular, militar e gaúcho, sem que fosse identificada sua autoria...

A mais recente contribuição que deu à cultura nacional está no livro editado pelo SENAI, em 1994, "Símbolos Nacionais da Independência", suculento estudo, que demandou demorada e meticulosa pesquisa, permitindo-lhe abordar o assunto de forma ampla e completa. Traz apresentação do Cel. Prof. Arivaldo Fontes, nosso caro colega, e prefácio do também seu amigo Américo Lacombe.

Possio os originais, com ilustrações e cores, primorosas, que lamentavelmente, por restrições técnicas, tiveram de sair em preto e branco, prejudicando um bocado beleza da obra.

Dentre as muitas condecorações que tem, vou pinçar três, que são as mais valorizadas por meu pai, acredito:

Medalha Prêmio do Colégio Militar

Ordem do Mérito Militar

Ordem Nacional do Mérito Educativo

Eis aí, em largas pinceladas de um pintor sofrível, mas bem intencionado, o que achei mais interessante dizer-vos, sobre a figura do Patrono de Cadeira em que ora sou empossado. Podeis comprovar quanto foi justa a escolha desse Patrono. Não o digo por arroubo filial, senão por aquilo que, durante perto de setenta anos, pude acompanhar intimamente, desta personalidade atraente, que tem feito ao longo da vida admiradores e amigos sem conta, decerto por merecer.

O que neste instante sinto, e sinto muitíssimo, é que meu pai não possa estar aqui, conosco, participando deste encontro. Estaria encantado e ditoso!

Bem gostaria de discorrer mais um pouco, ou até muito mais. Todavia, desejo evitar que esta nossa agradável reunião resvale para a definição de conferência, segundo a qual conferência é uma atividade coletiva, em que há uma pessoa falando alto e sozinha, diante de uma porção de pessoas falando baixinho ente si.

Finalizo meu discurso, palavras que escrevi com respeito e pronunciei com emoção controlada.

Por todas as gentilezas prestada ao meu pai, aceitei os agradecimentos comovidos e sinceros, que eu e nossa família vos apresentamos, de coração.

Estou mais feliz por esta homenagem feita a ele, e por pertencer ao lado dele, a partir de agora, a tão promissora Academia. Espero corresponder à distinção. Vou-me esforçar por isso!

Ps: A vida e obra de Jonas Corrêia consta do Dicionário de historiadores do Instituto de Geografia e História do Brasil (AHIMTB).

PALAVRAS FINAIS



Veterano Cel Eng Cláudio Moreira Bento
Historiador e pensador militar, Memorialista e Jornalista

Tendo planejado e presidido todas as sessões solenes, abordadas no presente e histórico volume, nossas atenções voltavam-se com frequência para detalhes da direção e coordenação, não nos permitindo avaliar então a profundidade e o alto valor dos conceitos abordados nas orações de recepção de acadêmicos e elogios de seus patronos.

Com a solicitação do acadêmico vice-presidente CEL. ARIVALDO SILVEIRA FONTES, organizador da presente obra, para que revisasse todo o conjunto, o conferisse e tentasse padronizá-lo, ao máximo possível, tive a feliz oportunidade de ler atentamente todas as orações e delas colher e consolidar privilegiadas, pioneiras e muito preciosas lições de História Militar Terrestre do Brasil.

Por tudo julgamos que valeu a pena e já se justificou a criação e consolidação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Alimento a certeza de que todos quantos tiveram a oportunidade de ler e meditar nas lições que este volume contém, como uma autêntica ENCICLOPÉDIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL, concordarão conosco. E mais, que relevarão falhas, naturais num trabalho desta natureza, as quais serão compensadas pelo estratégico conteúdo.

A Academia, uma Organização não Governamental, cumpriu aqui uma sagrada e nobre missão cultural de resgatar, integrar as vidas, pensamentos e obras, muitas esparsas, senão esquecidas, de 39 historiadores militares terrestres do Brasil, entre os quais 3 civis - Barão do Rio Branco, Pedro Calmon e Arno Wheling, também dirigentes do sesquicentenário Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que demonstram irrefutavelmente que o desconhecimento da História Militar Terrestre do Brasil não é atitude sensata de parte de lideranças civis, em razão da imensa projeção que teve, tem e terá na construção, com segurança, da nação brasileira no concerto das nações. Confirmar é obra de simples raciocínio e verificação na leitura das obras desses grandes historiadores militares civis.

Além do resgate dos acadêmicos e patronos, aqui foi divulgada a projeção histórica de Duque de Caxias, Patrono da Academia, personagem pouco esquecida em sua real projeção e que merece uma biografia que atualize a mais conhecida, que data de 1942, do gen. Afonso de Carvalho. Foi divulgada, aqui, uma breve História da Academia, seus objetivos e públicos alvo preferenciais.

Espero que os militares terrestres brasileiros entendam, da mesma forma como os civis que possuem há mais de um século a sua Academia Brasileira de Letras, hoje uma realidade consagrada, ser necessário e mesmo vital uma Academia de História Militar Terrestre do Brasil, onde sejam tratados assuntos castrenses e dos meios estudantis das Forças Terrestres Brasileiras. Assuntos que representam uma parcela pequena e específica da Cultura Brasileira. Espero que os soldados terrestres brasileiros continuem ajudando a tornar nossa Academia uma realidade como o é hoje, a de Letras do Brasil.

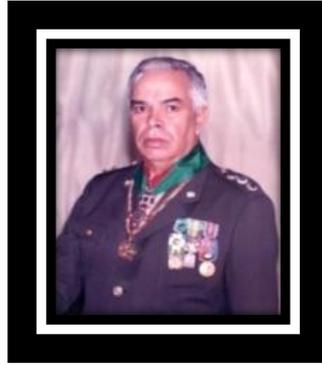
A edição do livro foi confiada à equipe do SENAI/SESI-DF, sob a direção do seu Diretor/Superintendente JOVIANO PEREIRA DA NATIVIDADE NETO.

Itatiaia, 4 de outubro de 1998

Cel. Cláudio Moreira Bento

Acadêmico presidente

**CURRÍCULO CULTURAL SINTÉTICO DO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO
EM JANEIRO DE 2025**



Veterano Cel Eng Cláudio Moreira Bento

Historiador e pensador militar, Memorialista e Jornalista

(X) Coronel Cláudio Moreira Bento, Turma Asp Mega Eng AMAN 1955, nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Filho do Tabelião Conrado Ernani Bento e Cacilda Moreira Bento. Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, e do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na República Argentina. Integrou, como adjunto do Presidente, a Comissão de História do Exército do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador, convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, escreveu o artigo As Guerras Holandesas, da **História do Exército - perfil militar de um povo**. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/1980. Academia sobre a qual escreveu 6 livros sobre sua História, disponíveis para baixar em Livros e Plaquetas em História da AMAN no seu site www.ahimtb.org.br e no Google, além de diversos artigos, inclusive sobre o Espadim de Caxias, arma privativa dos cadetes. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1990, onde criou em sala especial o Arquivo da FEB. É autor de mais de 327 obras (Álbuns, livros e plaquetas), disponíveis para serem baixados em Livros e Plaquetas no seu site www.ahimtb.org.br e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no seu site. Publicou o livro **Marechal José Pessoa - seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército**. Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul, constante de 24 livros, dos quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu, como Diretor do Arquivo Histórico do Exército, comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exército, o qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1983. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas, bem como Comendador da Medalha Homens de Honra pela Academia Brasileira de Ciências, Artes, História e Literatura, além de diversas condecorações militares e civis. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves-RS, na construção do Tronco Ferroviário Sul, considerado serviço de natureza nacional relevante, tendo recebido de seu comandante, como prêmio, para sua Companhia de Equipamento Mecânico uma caminhonete Rural Aero Willys, por haver sua companhia batido um record de 20 metros de perfuração semanal do Túnel 20,

então considerado o maior da América do Sul, na bitola 4,90 de largura. Fundou e presidi a Academia Canguçuense, e fundou e presidiu a Piratiniense, Resendense e Itatiaense de História. É sócio dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba, Petrópolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Vale do Paraíba e correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembleias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. É cidadão itajubense, itatiaense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária e de igual modo de seu berço natal Canguçu-RS, da AMAN e do Exército. Foi palestrante sobre História do Exército nas ESG, ECEME, IME, EsAO, AMAN, ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife, Rio de Janeiro, Porto Alegre e nos NPORs de Pelotas, e Itajubá e Colégios Militares de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagundes, a obra **Os 78 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021**, que foi lançada no ano de 2022, Bicentenário da Independência. E ainda para o Bicentenário da Independência, a Biblioteca do Exército lançou seu livro **Duque de Caxias – o Patrono do Exército e a Unidade Nacional**, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. O Cel Bento também possui livros de sua autoria na Biblioteca Mindlin, atual Biblioteca da USP - Universidade de São Paulo. Este ano de 2025 completará 93 anos de idade. Se Deus quiser!. Em seu site www.ahimtb.org.br, em Livros e Plaquetas, em Cel Bento e no Google, pode ser acessado seu livro digital **Meu legado historiográfico civil e militar - não vivi em vão!** Toda a sua obra historiográfica e jornalística está disponível em seu site, criado e administrado por seu filho Veterano Capitão de Mar-e-Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento. Obrigado a extinguir a FAHIMTB em 20 dez 2019, por falta de recursos para mantê-la por término de seu contrato por PTTC, criou independentes 5 AHIMTB, até então dependentes da FAHIMTB, com a finalidade de se manterem fiéis ao espírito da FAHIMTB, durante os seus 23 anos de profícua existência. Este ano, com apoio da Fundação Habitacional do Exército, publicará seu livro **Os 80 da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende**.

Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170. Site www.ahimtb.org.br. E-mail bento1931@gmail.com.

Currículo cultural de Camila Karen Renê



Camila Karen Costa Santos Renê. Nasceu em 13 de novembro de 2001, filha de Daniel Renê de Oliveira e da pedagoga Josiane Costa Santos Renê. E possui a irmã Gabriela. Estudou no Colégio Estadual Olavo Bilac de 2012 a 2019 onde cursou o ensino fundamental e o ensino médio.

Trabalhou como secretária do Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) de 30 de outubro de 2017 a 20 de dezembro de 2019 e, a partir desta data, como secretária particular do historiador Cel Cláudio Moreira Bento.

Cursa Direito na Associação Educacional D. Bosco (AEDB) desde Fevereiro de 2022.

Foi condecorada pela Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, como Cavaleiro do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, por sua destacada contribuição à História Militar Terrestre do Brasil e também como Colaboradora Emérita da extinta FAHIMTB.

Escreveu a **RELAÇÃO DE DIPLOMAS, MEDALHAS, TROFÉUS E ETC NO APARTAMENTO DO CEL BENTO EM RESENDE-RJ**, disponível no site www.ahimtb.org.br

Camila segundo o Cel Bento:

“Camila iniciou a trabalhar comigo aos 15 anos, em outubro de 2017, quando cursava o 1º ano do Curso Médio no Colégio Estadual Olavo Bilac. Trabalhou comigo na sede da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) que eu havia fundado em Resende-RJ em março de 1996, a qual foi logo acolhida pela Academia Militar das Agulhas Negras AMAN.

E convidei seus pais, por ser Camila menor, para ver onde ela trabalharia como menor aprendiz. Eu me responsabilizei por ela. Ela trabalhava 3 vezes por semana, à tarde, pois de manhã cursava o Curso Médio.

E Camila logo demonstrou grande vontade de aprender. Era muito aplicada, responsável e respeitosa. E logo passou a dominar o computador como hábil digitadora e digitalizadora. Não precisava mais que uma explicação. Ela captava logo e executava o solicitado e era muito estimada pelos funcionários da Biblioteca da AMAN que me apoiavam..

Em 20 de Dezembro 2019 com a extinção da FAHIMTB, por falta de recursos para a manter, em razão da extinção de meu contrato de Prestador de Tarefa para escrever e publicar a História do Exército e rompimento do apoio financeiro que de longa data recebia da FHE–POUPEX, tive de fundar independente 5 AHIMTBs que até então eram subordinadas a FAHIMTB e na esperança que elas dessem continuidade ao trabalho da extinta FAHMTB.

E passei a trabalhar, ou melhor, me divertir continuando a escrever sobre a História do Exército por conta própria. Pois quem faz o que gosta e sabe fazer, não trabalha se diverte!

E contratei Camila para comigo trabalhar de acordo com as Leis Trabalhistas, para que ela pudesse patrocinar seus estudos de Direito na Faculdade de Direito

da Fundação Educacional D. Bosco, na qual vem se destacando por suas boas notas.

Depois de 8 anos é muito expressiva a contribuição da Camila para o desenvolvimento da História do Exército Brasileiro em especial. Por agilizar a produção de meus livros e artigos sobre História Militar e os encaminhando ao meu filho, o Veterano Capitão de Mar e Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, que desde a fundação da FAHIMTB criou e administra meu site www.ahimtb.org.br. Desenvolvimento rápido de meus Livros e Plaquetas, graças aos seus notáveis conhecimentos de Informática, que aprendeu sem curso e por curiosidade e do uso do Celular, além de realizar meus serviços de administração. Tudo com elevada presteza e dedicação exemplares.

Camila Karen foi minha parceira e do Eng e Ten R2 Art Israel Blajberg no 1º Volume da História do **21º GAG Grupo Monte Bastione** e minha parceira no 2º Volume da **História de 21º GAC e seus ancestrais** com apoio em grande parte em pesquisa 21º GAC Grupo Monte Bastione e não publicada do saudoso Gen Ex Paulo Cesar de Castro, quando comandante do 21º GAC, mas que não tratou da **História do 21º GAC** atual que a realizamos bem como a de seu antecessor na FEB que foi feita pelo Eng e Ten R2 Art Israel Blajberg. E também fizemos o currículo cultural do General Paulo Sérgio, rico em informações culturais. Tarefa facilitada pela digitalização dos originais do General Paulo Sérgio de Castro pelo parceiro Israel Blajberg.

Enfim, Camila tornou-se uma valiosa e prestimosa assessora deste historiador e jornalista. Desenvolveu uma boa capacidade e criatividade de fazer as capas de meus Livros e Plaquetas digitais e até estará sendo co-autora de alguns de meus livros digitais.

Esta é a jovem e dedicada Camila Karen que trabalha há 6 anos comigo e que a considero hoje uma espécie de bisneta do coração, pois até o momento não possuo bisnetos. Ela até respondeu todas as minhas perguntas sobre Informática e sobre o uso do Celular. Ela já construiu um belo nome, e votos de que ela continue a enriquecer o seu nome. Pois é muito importante em nossas vidas construir um belo e confiável nome.

A Camila tem sido também minha professora de Informática. Há 24 anos iniciei minha incursão em computação, ao receber de meu filho CMG Carlos Norberto seu velho computador. E hoje consigo digitar, mas me faltam alguns detalhes que a Camila me informa.”